

**NEOPENTECOSTALISMO:
História, Desenvolvimento e Influências no Contexto Brasileiro**

NEOPENTECOSTALISM:
History, Development, and Influences in Brazilian context

Acyr de Gerone Junior*

RESUMO

O presente artigo pretende realizar uma análise do movimento neopentecostal brasileiro, afinal, é muito difícil compreender a religião e a manifestação da fé cristã no Brasil sem perceber a presença significativa do neopentecostalismo no campo religioso brasileiro. Para tanto, esta análise desenvolverá a temática a partir de algumas questões introdutórias ao tema do pentecostalismo, a origem e o desenvolvimento do neopentecostalismo, as principais igrejas representantes do movimento, as ênfases e os ensinamentos praticados pelos neopentecostais e, por fim, a influência que esse movimento tem exercido no atual cenário sociorreligioso brasileiro. A opção metodológica do estudo se fundamenta em revisão de literatura. Utilizar-se-á por base as produções teóricas que discorrem sobre o tema, seja em caráter histórico, sociológico ou teológico. Entre outros, destacam-se Mariano (2014) e McAlister (2012). Espera-se, com os resultados deste estudo, contribuir para um melhor conhecimento da história e, por conseguinte, das práticas realizadas pelo movimento neopentecostal, a fim de que seja possível se compreender melhor o assunto e se posicionar em relação a ele.

PALAVRAS-CHAVE

Neopentecostalismo. Pentecostalismo. Protestantismo. Igrejas

ABSTRACT

This article intends to carry out an analysis of the Brazilian Neo-Pentecostal movement, after all, it's very difficult to understand religion and the manifestation of Christian faith in Brazil without realizing the significant presence of Neo-Pentecostalism in the Brazilian religious field. Therefore, this analysis will develop the theme from some introductory questions to the theme of Pentecostalism, the origin and development of neo-Pentecostalism, the main churches representing the movement, the emphases and teachings practiced by the neo-Pentecostals and, finally, the influence that this movement has exercised in the current Brazilian socio-religious scenario. The methodological option of the study is based on a

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e MBA em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e MBA em Propaganda, Marketing e Comunicação Integrada pela Universidade Estácio de Sá (UNIESA). Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Betânia de Curitiba e pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). É pós-graduado em Projetos Sociais no Terceiro Setor pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP) e em Ciências da Religião pela Faculdade Entre Rios (FAERPI). Atualmente realiza estágio de pós-doutorado na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).
E-mail: acyrjr@gmail.com

literature review. It will be used as a basis the theoretical productions that discuss the theme, whether historical, sociological, or theological. Among others, Mariano (2014) and McAlister (2012) stand out. The results of this study are expected to contribute to a better understanding of the history and, therefore, of the practices carried out by the neo-Pentecostal movement, so that it is possible to better understand the subject and to position in relation to it.

KEYWORDS

Neo-Pentecostalism. Pentecostalism. Protestantism. Churches

INTRODUÇÃO

Discorrer sobre qualquer tipo de manifestação religiosa, seja por meio de uma abordagem histórica, sociológica ou teológica, constitui um verdadeiro desafio, em qualquer lugar, contexto ou circunstância. Desse modo, falar sobre o movimento neopentecostal brasileiro também não é uma tarefa fácil. As razões pelas quais fazemos tal afirmação serão percebidas ao longo deste texto.

Entretanto, tais dificuldades não podem impedir que a realidade neopentecostal – principalmente no aspecto histórico-teológico – seja mais bem-compreendida. Nessa perspectiva, este breve trabalho pretende analisar algumas questões introdutórias sobre o tema do neopentecostalismo, tais quais, a origem e o desenvolvimento, as principais igrejas representantes do movimento, as ênfases e os ensinamentos praticados pelos neopentecostais e, por fim, a influência que esse movimento tem exercido no atual cenário sociorreligioso brasileiro.

A verdade é que o neopentecostalismo mudou radicalmente a face da religiosidade cristã contemporânea, e isso se deu não apenas no espectro pentecostal. O neopentecostalismo tem crescido de forma significativa, e, com suas práticas, vem demonstrando um novo jeito de se viver a fé. Isso não pressupõe, necessariamente, uma fundamentação bíblica ou teológica correta. Contudo, trata-se de uma realidade que precisa ser conhecida e compreendida pelos cristãos em geral.

A opção metodológica do estudo se fundamenta em revisão de literatura. Utilizar-se-á por base as produções teóricas que discorrem sobre o tema, de caráter histórico, sociológico ou teológico. Todas elas estão relacionadas nas referências ao final deste texto. Entre outros autores, destacam-se Mariano¹, que aborda o tema por viés sociológico, com muita precisão e isenção, e McAlister², que faz um contraponto histórico e teológico também muito equilibrado em relação às divergências sobre o surgimento do movimento.

Espera-se, com os resultados deste estudo, contribuir para o melhor conhecimento da história e, por conseguinte, das práticas realizadas pelo movimento neopentecostal, a fim de que seja possível se compreender melhor o assunto e se posicionar em relação a ele.

¹ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

² MCALISTER JUNIOR, Walter. *Neopentecostalismo – a história não contada: Quem foi Roberto Mcalister, conhecido como o pai desse movimento*. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012.

QUESTÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O NEOPENTECOSTALISMO

Antes de se abordar o neopentecostalismo, é preciso entender um pouco melhor, ainda que brevemente, o que é, de fato, o pentecostalismo e como ele se desenvolveu desde a sua chegada ao Brasil. Tal definição se faz importante justamente porque muito do que se fala sobre o pentecostalismo é mera especulação estereotipada. Além disso, o neopentecostalismo deve ser compreendido na medida em que se aproxima e também se distancia do movimento que o originou.

O pentecostalismo é antigo, bem amplo e pouco homogêneo. E, diferentemente do que algumas tradições teológicas arrazoam, é um movimento sério e possui respaldo bíblico – como tal, faz-se necessário à dinâmica da fé cristã evangélica no país. Os últimos cinquenta anos de prevalência neopentecostal não podem suplantar os mais de cem anos de significativa presença pentecostal no país. Portanto, o pentecostalismo não deveria ser reduzido a análises simplistas e preconceituosas, mas estudado com seriedade e rigor.

Com efeito, pode-se dizer que há diversos pentecostalismos. E, é claro, essa constatação não se limita à realidade pentecostal. Pode-se afirmar também que há protestantismos, e não apenas um protestantismo³. De uma forma breve e simples, pode-se dizer que as diferenças existentes, em ambos os campos, decorrem de divergências teológicas entre as distintas tradições, mas também resultam de uma realidade fragmentada e líquida de conceitos em tempos de pós-modernidade⁴. Nesse contexto, nada é absoluto, e tudo se esvai fácil e rapidamente.

Apesar de vários relatos carismáticos ocorridos em diversos momentos da história da igreja, o pentecostalismo, como um movimento formal, nasce entre o final do século XIX e o início do século XX. Surgida nos Estados Unidos, a doutrina pentecostal enfatiza, essencialmente, a continuidade dos dons espirituais na igreja dos dias atuais, entendendo sua importância irrestrita, para além da Igreja Primitiva, dando, assim, um papel preponderante à atuação do Espírito Santo na igreja. Com isso, as doutrinas (continuístas, em oposição ao cessacionismo) e as práticas eclesiais (nos aspectos litúrgicos, principalmente) são diferentes em alguns aspectos quando comparadas aos ensinamentos e às práticas dos protestantes históricos.

Tentando definir as diferenças históricas e as práticas eclesiais existentes no meio pentecostal, Paul Freston⁵, em sua tese de doutorado, desenvolveu uma interessante formulação para melhor compreender o pentecostalismo brasileiro. Freston o fez utilizando-se da metáfora de ondas marinhas. Dessa forma, classificou o pentecostalismo no Brasil em três ondas. Estas podem ser percebidas em termos de cronologia, mas, principalmente, em termos teológicos e práticos. Destarte, quer-se com isso dizer que cada igreja, inserida em sua respectiva onda, procura dar ênfase a determinados aspectos no exercício da fé pentecostal.

A primeira onda seria a do pentecostalismo clássico, formada pelos fundadores da fé pentecostal no país, isto é, a *Congregação Cristã no Brasil* (1910)

³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O Protestantismo no Brasil e suas Encruzilhadas. *Revista USP*, n. 67, pp. 48-67, setembro/novembro 2005, p. 51.

⁴ Não se pretende discutir, aqui, se estamos na pós-modernidade ou se já passamos para outros momentos da história. Portanto, caso se prefira, é possível utilizar termos congêneres, tais quais transmodernidade, hipermodernidade, modernidade tardia, modernidade líquida, supermodernidade etc.

⁵ FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment*. Tese de doutorado pela Unicamp (sociologia). Campinas, SP, 1993.

e a *Igreja Evangélica Assembleia de Deus* (1911). Esses dois representantes, distintos pela antiguidade e pelo pioneirismo, procuram dar ênfase ao batismo no Espírito Santo, com a evidência no dom de línguas. Essas igrejas tiveram o seu período de expansão compreendido, principalmente, entre as décadas de 1910 e 1950.

A segunda onda seria de um momento posterior do pentecostalismo. Por isso, Mariano⁶ classifica esse grupo como “deuteropentecostalismo”, usando o prefixo *deutero* para exprimir a ideia de uma segunda vez. Os principais representantes desse movimento, surgidos entre as décadas de 1950 e 1960, seriam a *Igreja do Evangelho Quadrangular* (1951), a *Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo* (1955) e a *Igreja Pentecostal Deus é Amor* (1962), entre outras de menor expressão. Apesar de também pregarem o batismo no Espírito Santo, esse grupo procura enfatizar a importância da cura divina, do evangelismo de massa e do exorcismo em suas práticas de fé.

A terceira onda é a que mais importa nesta análise, porque corresponde ao objeto de nosso estudo: o movimento neopentecostal⁷. Mariano⁸ ressalta que “o prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-lo tanto por remeter à sua formação recente quanto ao caráter inovador do neopentecostalismo”. Não obstante, outras designações têm sido atribuídas ao movimento⁹. Cronologicamente, esse movimento surge no Brasil a partir da década de 1970¹⁰ (e cresce muito entre as décadas de 1980 e 1990). Apesar de aceitarem as ênfases das duas ondas anteriores, esse grupo irá além delas e inovará a pregação pentecostal, destacando outros aspectos que serão analisados adiante.

Por ora, importa ressaltar alguns pontos importantes. O primeiro deles é que a definição cronológica, utilizada para identificar cada onda, não é estática e rígida. Grupos surgidos em tempos diferentes, desde o início do movimento pentecostal até a atualidade, podem estar inseridos, devido às ênfases dadas, na mesma onda ou

⁶ MARIANO, 2014, p. 30.

⁷ Diferentemente das duas primeiras ondas, “a terceira é considerada um movimento e não é associada a uma denominação em particular” (BLEDSOE, Davin Allen. *Movimento Neopentecostal Brasileiro – IURD: um estudo de caso*. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 41).

⁸ MARIANO, 2014, p. 33.

⁹ Vários teóricos sugeriram outras designações, entendendo que o termo neopentecostal não faz jus à realidade. Siepierski, por exemplo, prefere pós-pentecostalismo, por identificar um afastamento do movimento em relação ao verdadeiro pentecostalismo (SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. Fé, marketing e espetáculo: a dimensão organizacional da Igreja Renascer em Cristo. *Civitas*, Porto Alegre, v. 3, nº 1, pp. 127-146, jun. 2003). Cavalcanti fala em “isopentecostalismo”, isto é, algo que parece, mas não é, e “pseudopentecostalismo”, algo que realmente não é (CAVALCANTI, R. Pseudo-pentecostais: nem evangélicos, nem protestantes. *Ultimato*, Viçosa ano XVI, n. 314, set./out. 2008). Moraes afirma que o prefixo *neo*, apesar de ter servido no passado, não serve mais no presente; afinal, ele não designa nada de novo no pentecostalismo. Por sua vez, ele prefere o termo “transpentecostalismo”, no sentido de que aponta para algo que está “além de”, ou seja, um movimento que constantemente está em trânsito e por isso vai mudando e perdendo sua característica anterior (MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *Revista de Estudos da Religião*, junho/2010/ pp. 1-19)

¹⁰ Aliás, assim como o protestantismo histórico e o pentecostalismo de primeira e segunda onda, o neopentecostalismo tem origem norte-americana. Neste último, destaca-se a influência estrangeira de Kenneth Hagin, Essek William Kenyon, Oral Roberts, T. L. Osborn, Frank Peretti, Don Gosset, Kenneth Copeland, Benny Hinn, Peter Wagner, entre outros, que, por meio de sua presença no Brasil, ou, mais amplamente, por meio de seus escritos, influenciaram o surgimento e o desenvolvimento do neopentecostalismo em terras tupiniquins.

em ondas diferentes – ou seja, cada um possui suas particularidades. Mariano¹¹ lembra, por exemplo, que “não são todas as denominações formadas em meados dos anos 70 em diante, ou seja, a partir da terceira onda, que podem ser classificadas de neopentecostais, visto que nem todas apresentam as marcas características desta corrente pentecostal”. Portanto, o caráter teológico-prático (ensino e comportamento) precede o caráter cronológico no momento de definir a qual tipo de pentecostalismo cada igreja pertence.

Cabe ainda outra ressalva. Apesar de o trabalho de Freston ser fundamental – principalmente no aspecto acadêmico – para se compreender o movimento pentecostal brasileiro, ele não consegue contemplar toda essa realidade. Muitos autores que procuraram analisar o campo pentecostal brasileiro – principalmente no aspecto sociológico – repetem a mesma limitação. Isso posto, pressupõe-se que, atualmente, o fenômeno se desenvolveu para além dos conceitos formulados num passado não tão distante. Em uma das principais obras que tratam do fenômeno neopentecostal, Mariano já havia advertido que, diante de tantas mudanças que surgem, seria necessário formular “novos tipos ideais para classificá-las”¹².

Nessa perspectiva, é importante afirmar que há expressões pentecostais que não se encaixam em nenhuma dessas ondas. Algumas delas já existiam na época em que muitas análises foram realizadas, porém não foram tratadas adequadamente. Como exemplo, pode-se destacar o fenômeno da pentecostalização das igrejas históricas, formando igrejas como a *Convenção Batista Nacional*, a *Igreja Presbiteriana Renovada*, a *Igreja Metodista Wesleyana* e a *Aliança de Igrejas Congregacionais*, entre as décadas de 1960 e 1970. Mariano, em sua obra, apenas faz uma classificação à parte, em pouco mais de uma página, designando-as “históricas renovadas”. Em concordância com outros referenciais, Bledsoe¹³ destaca que tais igrejas deveriam ser colocadas em outra categoria de igrejas pentecostais. De fato, a falta de uma melhor definição para esse grupo não faz jus à expressão dele no cenário pentecostal brasileiro.

Do mesmo modo, o surgimento das comunidades cristãs (ou evangélicas)¹⁴, também ocorrido a partir do mesmo período, parece ser ignorado e, quando contemplado, é pouco compreendido ou limitadamente analisado, definindo-se todas elas como parte do movimento neopentecostal. Efetivamente, muitas comunidades atuais se encaixam nesse perfil. Todavia, as primeiras comunidades, parece que não. Entre outras manifestações, essas duas descritas, principalmente, não se enquadram em nenhuma onda de forma rígida, e, por isso, sempre precisam ser percebidas à parte.

Por outro lado, há ainda a dificuldade de definir ou determinar a que onda pertencem os novos movimentos que surgem a cada dia. Talvez, tal obstáculo ocorra pela falta de homogeneidade no campo pentecostal brasileiro e até mesmo no próprio movimento neopentecostal, bem como pelas constantes mudanças que nele se manifestam, possivelmente, como consequência direta dos pressupostos

¹¹ MARIANO, 2014, p. 37.

¹² MARIANO, 2014, p. 38.

¹³ BLEDSOE, 2012

¹⁴ Faz-se referência às primeiras comunidades surgidas entre as décadas de 1970 e 1980, normalmente com o nome de “Comunidade Cristã em tal lugar” ou “Comunidade Evangélica de tal lugar”. O surgimento mais recente de muitas igrejas com o primeiro nome de “comunidade” e adjetivado de outros nomes bem criativos nada tem a ver com o movimento iniciado há, aproximadamente, 40 anos.

apresentados na pós-modernidade. O que se percebe nesse campo religioso é que cotidianamente emerge uma novidade, manifestada como um novo ensino, uma nova “revelação” ou uma nova prática. Por isso, como afirma Almeida Junior, “parece não ser exagero chamar o neopentecostalismo de movimento mutante”¹⁵.

Além de coexistirem, as ondas se misturam, sendo difícil dizer, na atualidade, o que é exclusivo de uma ou outra. Resta pontuar, como Moraes, que “já não se consegue qualificar de forma satisfatória a atual situação de um determinado segmento pentecostal no Brasil”¹⁶. O mesmo autor chega a se referir ao neopentecostalismo como um conceito-obstáculo, ou seja, uma expressão que ultrapassa a definição utilizada para explicar a realidade religiosa brasileira.

Bledsoe, por exemplo, destaca que a “mistura de líquidos pode formar uma onda mesmo sendo composta de ingredientes comuns, embora distintos”¹⁷. Sendo assim, ainda procurando manter a ideia da metáfora das ondas marinhas de Freston, além de, quiçá, designar uma quarta ou quinta onda¹⁸, pode-se dizer que um novo fenômeno marinho acontece na contemporaneidade. São as “correntes de retorno”, que podem ser compreendidas como o refluxo do volume da água do mar que recua da costa de volta para o oceano, devido à força da gravidade existente.

De tal modo são os movimentos neopentecostais atuais. A água, ao retornar ao mar, cria uma ação que mistura todas as ondas, formando, a partir delas, uma nova corrente; assim também ocorre com os movimentos e os modismos praticados por velhas e novas igrejas neopentecostais que vão surgindo. Trata-se de uma nova realidade que é difícil de definir. Também é desafiador perceber e conceituar o que, verdadeiramente, ela é. O que se sabe, porém, é que essas correntes de retorno oferecem perigo.

Bitun¹⁹, em sua tese de doutorado, cunhou a expressão “remasterização” para se referir a esse processo, em que os novos movimentos fazem ressurgir velhas práticas e ritos de outras expressões pentecostais. Contudo, tal ressurgimento apresenta características diferentes, inovações e práticas bem distintas.

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO NEOPENTECOSTALISMO

É muito comum atribuir o surgimento do neopentecostalismo ao missionário, escritor e televangelista canadense Walter Robert McAlister, mais conhecido como Bispo Roberto McAlister, e à sua respectiva comunidade de fé, a *Igreja de Nova Vida*, surgida em 1960. Muitos referenciais teóricos fazem tal afirmação – a maioria deles em análises sociológicas. Na prática, não é fácil afirmar ou rejeitar tal realidade.

¹⁵ ALMEIDA JUNIOR, Jair de. Um panorama do fenômeno religioso brasileiro: neopentecostalismo ou pentecomessianismo. *Ciências da Religião – História e sociedade*. Volume 6, N. 2, 2008, p. 153.

¹⁶ MORAES, 2010, p. 1.

¹⁷ BLEDSOE, 2012, p. 26.

¹⁸ Creio que a pentecostalização das igrejas históricas e o surgimento das comunidades cristãs (a partir da década de 1970, mormente entre as igrejas históricas) deveriam constituir novas ondas. Não há como inseri-las nas três ondas principais, visto que aquilo que creem, pregam e praticam diverge, substancialmente, dos outros movimentos em aspectos importantes (ex.: liturgia, governo da igreja, pregação, ênfase teológica etc.).

¹⁹ BITUN, Ricardo. *Igreja Mundial do Poder de Deus: rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal*. Tese de doutorado. PUC-SP, 2007.

Por vezes, parece que Roberto McAlister e a *Nova Vida* têm participação significativa no processo; em outros momentos, porém nem tanto. Como exemplo, é possível lembrar que McAlister iniciou seu ministério no Brasil com cruzadas evangélicas e com uma participação incisiva no rádio e depois na televisão²⁰ – coisas que bem caracterizam a atuação neopentecostal. Por outro lado, muitas ações ambíguas e controversas praticadas pelas igrejas tipicamente neopentecostais não faziam parte do cotidiano de McAlister e sua igreja, e, pelo que consta, não eram por ele aprovadas.

Aqueles que são interessados no tema precisam realizar leituras amplas sobre o assunto para, então, tentar chegar a uma conclusão que, ainda assim, não será nada fácil. Nesse sentido, vale muito a pena ler a obra de Walter Robert McAlister Junior, filho de Robert McAlister. Nessa obra²¹, ele faz um contraponto interessante ao que comumente é afirmado em relação a Robert McAlister e sua suposta participação na criação do neopentecostalismo. Para ele, tal atribuição resulta de um conhecimento superficial sobre o tema. Nesse sentido, quando questionado sobre a influência do Bispo Roberto e da Nova Vida sobre os principais representantes do neopentecostalismo atual, McAlister Junior responde:

Sei perfeitamente o que muitos não sabem: tais homens saíram de nós, mas não refletem quem meu pai foi nem repetem o que supostamente teriam aprendido com ele. [...] A verdade é que meu pai se opunha e censurava práticas e desvios da fé como o caráter empresarial da igreja, o pragmatismo, o hábito de lançar mão de símbolos espíritas, a simonia, o lançamento de campanhas de arrecadação financeira mediante argumentos espúrios, além de outras ações que considero – e ele já em sua época considerava – apócrifas²².

Em outro momento da obra, ao se referir ao uso de alguns “pontos de contato”, tais como rosas unguidas, sal grosso, água unguida, óleo santo, bem como a prática de realização de cultos temáticos com o nome de descarrego, correntes, campanhas, milagres, entre outros, McAlister Junior lembra que o Bispo Roberto rejeitou essas práticas, “assim como lamentou a clara exploração de meios utilizados para levantar recursos financeiros”²³. Contudo, o autor lembra que assuntos sobre dinheiro foram escritos e ensinados pelo Bispo Roberto, não para se realizar barganha com Deus, mas apenas para manifestar generosidade.

Para além desses aspectos, cabe pontuar algumas questões práticas. Não há dúvidas entre os diferentes autores de que é a *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD) que, de fato, dá início ao movimento neopentecostal. Ela encarna essa nova realidade em tudo o que prega e faz. Sendo assim, teológica e cronologicamente falando, a IURD é a principiante do neopentecostalismo e a principal referência para melhor se compreender o movimento.

Ressalta-se, ainda, que os principais nomes do neopentecostalismo, apesar de terem participado da *Igreja de Nova Vida*, nunca foram pastores ou líderes dela, nem mesmo tiveram o apoio, o treinamento ou a recomendação de Roberto McAlister. Essa realidade fala muito alto; afinal, eles não foram reconhecidos na denominação e, talvez, por isso mesmo, se desligaram em busca de reconhecimento

²⁰ McAlister desenvolveu um programa na TV Tupi entre 1965 e 1967. Contudo, é bom lembrar que entre os pentecostais de segunda onda, a realização de cruzadas e o uso de programações de rádio também estavam bem presentes.

²¹ MCALISTER JUNIOR, 2012.

²² MCALISTER JUNIOR, 2012, p. 28.

²³ MCALISTER JUNIOR, 2012, p. 42.

fora dela. Eles foram consagrados pastores na *Igreja Casa da Bênção*²⁴, mas lá também não ficaram. Decidiram criar suas próprias igrejas para que, assim, possivelmente, tivessem a liberdade desejada de ensinar aquilo que criam e que divergia de suas comunidades de fé anteriores.

Porém, isso não quer dizer que movimentos antecedentes não tenham contribuído, ainda que de forma incipiente, para que o neopentecostalismo surgisse como ora se apresenta. Desse modo, podemos dizer que a *Igreja de Nova Vida*, por meio de alguns princípios implementados, seria responsável por estabelecer uma espécie de transição entre a segunda e a terceira onda. O próprio McAlister Junior afirma que algumas possíveis práticas neopentecostais tiveram como infeliz referência aquilo que os atuais pregadores neopentecostais viram o Bispo Roberto fazer²⁵. Em outro momento, ele diz que o “Bispo Roberto pode ter sido um precursor das igrejas neopentecostais, devido às raízes de seus fundadores”²⁶.

Contudo, tal responsabilidade não caberia apenas à *Nova Vida*. Como destaca Bledsoe, também as igrejas da segunda onda “diversificaram o pentecostalismo e introduziram elementos preparatórios para as denominações da terceira onda”²⁷. Portanto, resta óbvio que a *Igreja do Evangelho Quadrangular*, a *Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo*, a *Igreja Pentecostal Deus é Amor* e a *Casa da Bênção* seriam igualmente responsáveis por tal transição. Afinal, é no período da segunda onda, em que essas igrejas atuavam com grande força no país, que surgem algumas das práticas extremamente valorizadas pelos neopentecostais.

Em acordo com Mariano, pode-se dizer que, em boa parte das igrejas que fazem parte da segunda onda, “encontramos de forma embrionária as principais características do neopentecostalismo”²⁸. Poder-se-ia designar tais aspectos como um protoneopentecostalismo.

Entre outros aspectos que servem para ilustrar tal afirmação, destaca-se o uso mais intenso de rádios e TV, a realização de campanhas (novenas, correntes etc.), a prática acentuada de exorcismos, a ênfase na cura etc. Todas essas ações eram praticadas pelas igrejas da segunda onda. No entanto, é notório que o neopentecostalismo dá novo sentido a elas. Na verdade, ele as intensifica. Aquilo que era ameno e pouco estratégico nas igrejas da segunda onda passa a ser “carro-chefe” das igrejas neopentecostais. Os fins também parecem ser diferentes. Enquanto na segunda onda tais ações tinham uma intenção mais evangelística, na terceira onda, manifesta-se como uma ação propositadamente mercadológica; afinal, o neopentecostalismo parece ser um prisioneiro do mercado religioso.

Pode-se afirmar, portanto, que o neopentecostalismo surge de uma convergência das diversas práticas das igrejas pertencentes à segunda onda, sem desconsiderar, entretanto, que essas mesmas práticas são superestimadas e estrategicamente adaptadas no novo discurso neopentecostal.

²⁴ A *Casa da Bênção*, também conhecida como *Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus*, foi fundada no dia 9 de junho de 1964, na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, pelo então missionário, hoje apóstolo, Doriel de Oliveira. Apesar de tradicionalmente a *Casa da Bênção* ser inserida na segunda onda, Romeiro (ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005) e Bledsoe (2012) ressaltam que ela tem todos os elementos que a caracterizam como uma igreja neopentecostal.

²⁵ MCALISTER JUNIOR, 2012, p. 40.

²⁶ MCALISTER JUNIOR, 2012, p. 47.

²⁷ BLEDSOE, 2012, p. 39.

²⁸ MARIANO, 2014, p. 51.

UMA BREVE HISTÓRIA DAS PRINCIPAIS IGREJAS NEOPENTECOSTAIS NO BRASIL

Histórica e teologicamente, existem algumas igrejas que representam mais fielmente o neopentecostalismo brasileiro. A primeira e maior representante do neopentecostalismo é a *Igreja Universal do Reino de Deus* (IURD). Para descrever a história da IURD, faz-se necessário falar de pelos menos dois de seus fundadores. São eles: Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares (R. R. Soares). Ambos, depois de mais de uma década como membros da *Igreja de Nova Vida*, e sem encontrar apoio nela para seus objetivos, decidem sair e criar uma igreja. Antes, no entanto, foram consagrados pastores pelo missionário Cecílio Carvalho na *Casa da Bênção*, na cidade do Rio de Janeiro, em 1975.

Juntamente com Roberto Augusto Lopes e os irmãos Samuel e Fidélis Coutinho, Macedo e Soares deram início à *Cruzada do Caminho Eterno*. Como o projeto não deu certo, Macedo, Soares e Lopes abandonaram os irmãos Coutinho e fundaram, no dia 9 de julho de 1977, a *Igreja Universal do Reino de Deus*, no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro, num local em que antes havia uma antiga funerária. Oficialmente, a IURD destaca que antes da funerária, o projeto começou com as pregações de Macedo em um coreto no Méier, no Rio de Janeiro.

Pelo que consta, no início, o líder principal era R. R. Soares. Todavia, impasses começaram a acontecer e, após uma votação do ainda pequeno presbitério (com 15 pastores) da IURD, Macedo venceu e tornou-se o líder principal da igreja, fazendo com que R. R. Soares saísse, fundando, em seguida, outra igreja. Como já afirmado, se há uma igreja neopentecostal de verdade, essa igreja é a IURD. Sob o famoso jargão “Pare de sofrer”, a IURD desenvolveu um tipo de igreja ao gosto (e de acordo com a necessidade) do cliente. Por meio de várias reuniões diárias, em todos os dias da semana, ela oferece um cardápio de cultos temáticos, com a promessa amplamente propagada de resolver todos os problemas dos seus fiéis (ou clientes).

A grande ênfase teológica (se assim podemos chamar) da IURD está na prosperidade financeira. As reuniões, mormente, focam a necessidade de o fiel sacrificar seus recursos financeiros – por meio de várias ofertas e dízimos –, oferecendo-os a Deus, para, somente assim, obter resposta favorável. Nesse sentido, César destaca que, na IURD, quase tudo gira em torno do dinheiro e que há “pouca ou quase nenhuma mensagem bíblica que não esteja relacionada com o vil metal”²⁹.

Como uma típica igreja neopentecostal, a IURD “investe pesadamente e usa de maneira estratégica espaços de mídia para atrair adeptos”³⁰. A igreja possui uma presença maciça na TV, com canais próprios, além do rádio, por meio da *Rede Aleluia* (com 92 rádios afiliadas em todo o território nacional, situadas em 71 cidades, com abrangência de 80% do país), na internet etc. Como bem lembra Bledsoe, em um livro que trata especificamente da igreja, “a IURD coloca no mercado a sua própria marca”³¹. Afinal, quem nunca ouviu a expressão “Eu sou a

²⁹ CÉSAR, Elben Magalhães Lenz. *História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000, p. 152.

³⁰ BLEDSOE, 2012, p. 109.

³¹ BLEDSOE, 2012, p. 107.

Universal”)? Como se percebe, trata-se de um império com fins bem claros, que até mesmo chega a possuir um conglomerado de empresas vinculadas à igreja³².

Outro aspecto a destacar é a forte atuação política, em busca de poder e em defesa dos supostos interesses “cristãos”, que mais se apresentam pelos ideais corporativos da organização. A IURD possui vários vereadores, deputados estaduais e federais nas diferentes regiões do Brasil. Entre seus representantes, já foram eleitas pessoas que ocuparam a função de senador e prefeito. Buscando ainda mais poder e representatividade, em 2005, a IURD criou um partido, o PRB (*Partido Republicano Brasileiro*).

Há ainda uma série de polêmicas que envolvem o nome da igreja em vários momentos de sua existência, desde a prisão do seu líder, perpassando por chutes em uma imagem católica na TV, sacos e sacos de dinheiro sendo carregados nas costas por pessoas (obreiros?) da igreja, falas constrangedoras de Macedo em filmagens comprometedoras (e algumas na programação aberta mesmo). Enfim, são fatos controversos, que vieram à tona em bem pouco tempo de existência. Normalmente, a IURD reage a esses fatos argumentando que se trata apenas de mais uma perseguição, instigada pelo próprio diabo, obviamente.

A segunda é a *Igreja Internacional da Graça de Deus* (IIGD), fundada em 1980 por R. R. Soares, após ele se desligar da IURD. Conhecido como missionário, Soares é o líder principal da denominação. É ele quem administra a igreja e é seu personagem principal. No programa oficial da IIGD, chamado *Show da Fé*, um dos principais e mais conhecidos programas religiosos de TV no Brasil, Soares é normalmente o que mais aparece. No programa, que se assemelha a um culto, há música, pregação, testemunho e oração (principalmente contra doenças). Diferentemente da IURD, porém, como destaca Mariano, “boa parte do programa é dispendida com pregações”³³. Tal fato revela uma proposta diferente, e, de acordo com os pressupostos neopentecostais, não tão eficientes quanto os apelos e as estratégias de *marketing* realizados pela IURD.

Além disso, a IIGD possui uma operadora de TV por assinatura, chamada *Nossa TV Brasileira* (ou somente *Nossa TV*), lançada oficialmente em 2007. A decisão de criar essa TV, que atua via satélite nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, surgiu como uma reação de Soares à resistência das tradicionais operadoras de TV por assinatura de incluir o canal de sua igreja (RIT – *Rede Internacional de Televisão*) em suas programações. Sendo a primeira operadora de TV por assinatura evangélica do país, a TV da IIGD procura oferecer um conteúdo mais ético e religioso ao povo brasileiro. Desse modo, programas que apresentem conteúdos de violência ou de conotação sexual são excluídos da programação. Além disso, a IIGD também possui uma vasta programação radiofônica, potencializada por uma ampla rede de rádios chamada *Nossa Rádio*. A IIGD

³² São emissoras de TV, grupos de comunicação, editoras, gravadoras, gráficas, agências de viagens, banco, empresa de táxi aéreo. Entre as conhecidas, destacam-se: *Alliance Jet Taxi Aéreo*, *Line Records*, *Rede Mulher*, *Rede Família*, *Rede Aleluia*, *Rede Record*, *Record News*, *Record Trips* – *Agência de Viagens* (sede em Lisboa, Portugal), *Banco Digimais* (antigo *Banco Renner*) e *Universal Produções*.

³³ MARIANO, 2014, p. 100.

também realiza um trabalho significativo por meio de uma editora (*Graça Editorial*) e uma gravadora (*Graça Music*).

Basta assistir um pouco de sua programação para se constatar que, quando comparado com outros líderes de expressão no meio neopentecostal, Soares tem um discurso diferente e, aparentemente, mais ético. Moraes, em sua pesquisa de doutorado, ao estudar a força midiática da IIGD, chega a dizer que percebeu, “pelas pesquisas que havia realizado, que Romildo Ribeiro Soares, líder daquela igreja denominada até então como neopentecostal, não era de fato um líder neopentecostal”³⁴. Realmente, a não ser pela ênfase em um ou outro aspecto, Soares foge bem do padrão neopentecostal. Também não é comum vê-lo criticando publicamente outras igrejas – como os outros fazem, a ponto de muitos dos seus telespectadores serem membros de várias igrejas protestantes no país. O mesmo, decerto, não se pode dizer da maioria dos demais pastores da denominação.

Além de enfatizar em especial a cura (principalmente de carços pelo corpo e de dores de cabeça), Soares é bem reconhecido no país pela ênfase que dá à chamada “confissão positiva”. Tanto pela pregação quanto pela publicação de livros de autores estrangeiros (principalmente de Kenneth Hagin) que defendem tal ensino, Soares é o principal nome dessa doutrina no Brasil. Basta assistir um pouco de sua programação para ouvir o próprio missionário e seus pastores “decretando” que todo mal tem de sair porque ele está mandando em o nome de Jesus. Ele ainda reitera que os que a ele assistem podem fazer o mesmo.

A terceira é a *Igreja Mundial do Poder de Deus* (IMPD), fundada na cidade de Sorocaba, em 3 de março de 1998, pelo então bispo Valdemiro Santiago, que pertenceu à IURD por cerca de 18 anos. Em 2006, a sede da IMPD foi transferida para São Paulo, na “Cidade Mundial”, passando a ser localizada no bairro do Brás³⁵. Além de estar presente em várias cidades brasileiras, a IMPD já fez voo alto para vários outros países do mundo.

Em sua trajetória na “concorrente”, Santiago foi obreiro, pastor, coordenador regional, missionário na África, chegando a fazer parte do Conselho de Bispos, órgão máximo de governança da IURD. Apesar de não haver informações clara sobre as razões que levaram ao rompimento, o que se sabe é que Santiago, hoje chamado de apóstolo, desligou-se da antiga igreja motivado por desentendimentos com Edir Macedo. A disputa entre a IMPD e a IURD é de conhecimento público. Santiago, quando precisa se referir à sua antiga casa, descreve a IURD como “o outro ministério”. Porém, para se posicionar no mercado religioso, usa o *slogan* “A mão de Deus está aqui”, procurando dar legitimidade e diferenciação à IMPD em detrimento de outras igrejas.

Eber Nunes desenvolveu uma dissertação de mestrado com foco na IMPD. Um dos destaques por ele reiterado é a intensa utilização dos diferentes canais de mídia. Segundo Nunes, a estratégia da igreja “está em franca expansão com presença na mídia, provocando uma disputa intensa [com a IURD] na conquista de audiência e fiéis”³⁶. Para realizar tal intento, a IMPD criou a *Rede Mundial*,

³⁴ MORAES, 2010, p. 15.

³⁵ Algo a se considerar é a presença de igrejas neopentecostais (inclusive suas respectivas sedes) na região do Brás, em São Paulo. Silva (2014) chegou a cunhar a expressão “Corredor da Fé” para se referir às igrejas localizadas na região. A Avenida Celso Garcia parece ser a preferida para a instalação desses novos templos.

³⁶ NUNES, Eber. *Da burocracia para a Profecia: mudanças no neopentecostalismo brasileiro*. Dissertação de mestrado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2007, p. 9.

uma emissora de televisão com programação focada quase inteiramente em cultos transmitidos ao vivo da sede da igreja. Na maioria das vezes, esses cultos são realizados por Santiago. A programação é transmitida para várias regiões do Brasil por meio de emissoras em que a IMPD arrendou espaço.

Mesmo tendo a titulação de bispo, que, na maioria das igrejas, representa um alto escalão hierárquico (como, por exemplo, na própria IURD), Santiago, dizendo obedecer a uma ordem divina, se autointitulou apóstolo em 2006 (título que só ele detém na organização), e a sua esposa Francileia passou a ser chamada de bispa (NUNES, 2007).

Apesar de seguir a mesma cartilha dos neopentecostais em relação ao que ensinam, a IMPD tem como característica distintiva a ênfase na cura – algo comum ao pentecostalismo de segunda onda. Para se ter ideia, a sede da igreja é chamada de *Templo dos Milagres*. Por sua vez, Santiago afirma entusiasticamente que recebeu esse dom de forma especial. Em suas programações televisivas, torna-se comum a apresentação de diversos testemunhos, depois da realização de longas filas de pessoas que se aproximam do púlpito para receber uma oração ou um toque milagroso do “apóstolo”. Diferentemente da IURD e da IIGD, a IMPD resgatou alguns costumes dos pentecostais clássicos, como, por exemplo, dizer “aleluia” e “glória a Deus” em voz alta, seguidos de aplausos, durante a celebração, normalmente acompanhada por música. É claro que os apelos para a contribuição financeira também tomam bastante espaço nas reuniões.

De forma semelhante a outras igrejas neopentecostais, Santiago reclama constantemente em seus programas de TV que a IMPD sofre muita perseguição por todos os lados. A área mais atingida é a financeira. Constantemente, Santiago pede, ao vivo, inúmeras e volumosas doações de seus telespectadores, a fim de pagar os muitos aluguéis atrasados dos imóveis alugados pelas igrejas e das emissoras de rádio e TV que transmitem suas programações. Como normalmente ocorre, Santiago afirma que tais problemas existem porque o diabo está furioso com o bom trabalho da igreja.

A quarta igreja neopentecostal a ser contemplada é a *Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus* (IAPTD), fundada por Agenor Duque, em setembro de 2006, na cidade de São Paulo, onde, aliás, situam-se a maioria de seus templos. Como outras igrejas já estudadas, a sede da igreja também está localizada no bairro do Brás. No mesmo local também funcionam a *Faculdade de Teologia Plenitude* (formação da liderança), o *Instituto Plenitude do Trono de Deus* (organização assistencial) e os estúdios de rádio e televisão. A presença da IAPTD em outras partes do Brasil, apesar de existente, é relativamente pequena.

Todo líder neopentecostal que deseja crescer de forma análoga às suas concorrentes sabe que a presença no rádio e na TV são indispensáveis. Duque segue o mesmo roteiro. Na área da comunicação, depois de realizar diversas disputas de horários com outras igrejas, a IAPTD se tornou a proprietária da *Rede Plenitude TV*, um canal de TV com 24 horas de programação voltada aos eventos da igreja. Os programas de rádio da IAPTD são transmitidos pela *Rede do Bem*, que transmite para várias cidades do Brasil a programação da igreja por meio da *Rádio Plenitude*. O uso das mídias sociais também constitui outra estratégia diferenciada da IAPTD.

Como destaca Quitério, no que tange ao “comportamento em redes sociais, o líder da IAPTD, Apóstolo Agenor Duque, está na frente dos demais grandes”³⁷.

Assim como ocorre em boa parte das igrejas neopentecostais, é impossível falar da IAPTD sem perpassar pela história de Agenor Duque, o carismático fundador e presidente da igreja. Principalmente na TV, Duque e sua esposa aparecem como estrelas. Até mesmo o estilo das vestimentas é diferente daquele dos outros líderes – às vezes, Duque aparece vestido de pano de saco, como um sinal de humilhação em tempo de jejum. O casal faz de tudo para chamar a atenção e estabelecer um ponto de contato com o público que o assiste.

Entre os líderes neopentecostais tratados neste texto, Duque distingue-se pelas inúmeras influências que recebeu (e ainda recebe) em sua trajetória. Quitério³⁸, que escreve um trabalho focado na IAPTD e em seu líder, lembra que Duque se converteu ainda criança, junto com seus pais, na *Igreja Assembleia de Deus* (Ministério de Madureira, em São Mateus). Seu caminho também é marcado pela admiração ao estilo do trabalho realizado pelo Missionário Manoel de Melo (*Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo*). Mais tarde, ainda jovem, Duque começou seu ministério na IURD e por lá ficou por mais de 10 anos como pastor. Devido a algumas frustrações desconhecidas, ele se desligou da igreja. Por pouco tempo, retornou à igreja da infância e depois passou um curto período na IMPD, onde conheceu sua esposa, a Bispa Ingrid Duque, a segunda pessoa mais importante da IAPTD.

Além de utilizar as conhecidas técnicas dos neopentecostais para crescer, a IAPTD também se tornou conhecida no meio evangélico devido à realização de uma grande cruzada evangelística chamada *Congresso Fogo de Avivamento*. O evento, realizado no período do carnaval, possui forte estratégia midiática. A edição de 2013, considerada uma das mais importantes, além de contar com a participação de vários pastores e cantores reconhecidos no Brasil, teve, igualmente, a presença de Benny Hinn. Em 2017, Hinn esteve novamente presente, agora acompanhado por Mike Murdock, ambos referenciais no meio neopentecostal.

Do ponto de vista teológico, a IAPTD segue o roteiro neopentecostal. Contudo, há de se considerar um fator diferenciado. Talvez, pelo fato de Duque ter sido influenciado por diversos movimentos que perpassam as três ondas do pentecostalismo, as práticas da IAPTD constituem uma verdadeira colcha de retalhos. A igreja agrega conceitos do pentecostalismo clássico, do deuteropentecostalismo, do movimento judaizante, do movimento apostólico, do movimento profético e, evidentemente, do movimento neopentecostal (“Teologia da Prosperidade”, “batalha espiritual” etc.). Como se percebe, trata-se de uma verdadeira confusão teológica, gerando uma prática eclesial igualmente confusa. Mais uma vez, a teoria de Bitun sobre a remasterização, se faz perceptível nessa trama de relações da IAPTD.

Com ênfases e práticas um pouco diferentes daquelas descritas nas igrejas anteriores, faz-se importante incluir duas outras igrejas: a Renascer em Cristo e a Sara Nossa Terra. A *Igreja Apostólica Renascer em Cristo* (IARC) foi fundada em

³⁷ QUITÉRIO, Moyses Naftali Leal. *A hipérbole do neopentecostalismo brasileiro: estudos a respeito da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, o líder Apóstolo Agenor Duque e suas inscrições midiáticas no cenário religioso brasileiro*. Dissertação de mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018, p.121.

³⁸ QUITÉRIO. 2018, p. 55.

1986, na cidade de São Paulo, por Estevam Hernandes Filho e sua esposa, Sônia Hernandes. Em outubro de 1989, a igreja passou a se reunir no antigo Cine Riviera, no Cambuci, em São Paulo, lugar que se tornou, logo depois, a sede da denominação. A década de 1990 foi o período de maior crescimento da IARC, ainda que tal desenvolvimento tenha acontecido mais perceptivelmente no estado de São Paulo.

Estevam figura entre os primeiros idealizadores de alguns modismos tipicamente neopentecostais. Entre eles, destacam-se o “movimento apostólico” e o “movimento profético”. Antes pastor, Estevam se tornou bispo em 1994. Em seguida, já em 1995, “durante a Conferência Profética ocorrida no templo-sede da Renascer, dirigida por Colun Dye, pastor queniano radicado na Inglaterra, Estevam foi consagrado apóstolo e reconhecido como tal pelo Conselho de Bispos da Renascer”³⁹.

Como é de se esperar, “muito do sucesso da Renascer pode ser creditado às suas políticas comunicacionais”⁴⁰, dentre as quais o *marketing* desempenha papel fundamental. A rede de rádios (*Gospel FM*) e a Rede *Gospel* de TV são as responsáveis por divulgar a organização. Para se ter ideia, o termo *gospel* atualmente é conhecido por pessoas de dentro e de fora da igreja, e, como tal, está imbricado nas mais distintas expressões da fé evangélica no país. É justamente com a Renascer que o movimento *gospel* tem seu início e o seu fortalecimento; afinal, ela é detentora da patente da marca *gospel* no Brasil, contribuindo significativamente “para a formação e consolidação desse mercado”⁴¹.

De fato, sua ênfase mais empresarial embasa-se no *marketing gospel* por ela aplicado. É a partir da Renascer que muitos eventos e grupos de música *gospel* surgiram. Algumas bandas, principalmente de *pop rock gospel*, tiveram maior visibilidade na Renascer, por meio da gravadora da igreja, chamada *Gospel Records*. Aliás, como bem lembra Dolghe, “a principal estratégia da Renascer foi colocar essa música, que sempre foi produzida à margem da hinódia oficial, como central e oficial em sua liturgia”⁴². O famoso megaevento *Marcha para Jesus*, realizado em São Paulo todos os anos desde 1993, que conta com a participação de milhares de pessoas das mais diferentes igrejas do país, também tem a Renascer como idealizadora e realizadora.

De forma semelhante às outras igrejas neopentecostais, a Renascer possui incisiva participação na TV, no rádio, nas redes sociais etc. Muitos membros de igrejas tradicionais e conservadoras aderiram à Renascer em seus primeiros anos. A igreja foi muito reconhecida pela forte atração que tinha sobre os jovens e os famosos (jogadores, artistas, empresários etc.). Contudo, como bem lembra Siepierski, “o influxo de empresários e profissionais liberais provocou uma reordenação nas prioridades da igreja”⁴³, fazendo com que a Renascer passasse a privilegiar os empresários em detrimento dos jovens.

É por isso que, não diferente de outras igrejas neopentecostais, a teologia da Renascer é fortemente baseada nos pressupostos da “Teologia da Prosperidade”. O

³⁹ MARIANO, 2014, p. 101.

⁴⁰ SIEPIERSKI, 2003, p. 139.

⁴¹ DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. A Igreja Renascer em Cristo e a consolidação do mercado de música gospel no Brasil: uma análise das estratégias de marketing. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 6, n. 6, outubro de 2004, p. 202.

⁴² DOLGHIE, 2004, p. 209.

⁴³ SIEPIERSKI, 2003, p. 134.

foco de boa parte dos testemunhos transmitidos procura mostrar o “sucesso” alcançado na vida financeira, principalmente pelos empresários. Nas últimas décadas, a liderança da Renascer esteve envolvida em muitos escândalos que envolviam questões financeiras, fazendo com que a igreja perdesse um pouco da visibilidade de outrora.

Já a *Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra* (CESNT) não começou com este nome. Ela é fruto de um tempo em que alguns grupos, desligando-se das igrejas protestantes históricas, decidiram criar um movimento não denominacional e com moldes não tradicionais. Idealizava-se uma liturgia mais simples e flexível, uma doutrina não tão dogmática, uma espiritualidade mais leve e uma música mais contagiante. Assim surgiu a *Comunidade Evangélica de Goiânia*, em 1976, fundada por Robson Rodovalho, Cirino Ferro e César Augusto.

Portanto, antes de se tornar a *Sara Nossa Terra*, essa comunidade constituía apenas uma entre uma rede de comunidades que foram surgindo. Elas tinham entre si apenas um vínculo espiritual e fraternal. Tudo começou a mudar a partir de 1992, quando se decidiu incluir a terminação *Sara Nossa Terra* para se diferenciar das demais comunidades existentes. Em 1994, Rodovalho, ex-membro da Igreja Presbiteriana do Brasil e líder da *Mocidade Para Cristo* (MPC), hoje bispo presidente da *Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra*, implementou novas medidas, realizando uma reestrutura administrativa que formou o que hoje pode ser designado como uma denominação⁴⁴.

Essas medidas criaram uma divisão na comunidade. Um dos principais líderes, César Augusto, se desligou e ficou com a estrutura da comunidade na cidade de Goiânia, dando início à *Igreja Apostólica Fonte da Vida*. Rodovalho e Cirino deram continuidade à CESNT, estabelecendo sua sede em Brasília. O Bispo Rodovalho, que é o principal nome da denominação, também se utiliza de recursos acadêmicos em suas falas, algo diferenciado entre os neopentecostais, que priorizam uma postura antiteológica e anti-intelectual. Desse modo, “mesmo sendo líder religioso, ele ministra palestras em conferências com temas ligados à ciência, à física quântica e à administração financeira para pessoas físicas e pessoas jurídicas”⁴⁵.

A *Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra*, além de dar certa ênfase à doutrina da quebra de “*maldição hereditária*”, exerce também forte atração sobre jovens. Entre outros, destaca-se a *Arena Jovem*, um culto jovem bem diferenciado que a *Sara Nossa Terra* realiza em termos de inovações e modismo, a fim de atrair a juventude para a igreja. Na história, a organização paraeclesial *Atletas de Cristo* também serviu de estratégia para se alcançar os atletas no país.

Como todos os neopentecostais, a comunidade tem significativa influência nos meios midiáticos, principalmente na TV (*Rede Gênese de TV*), nas rádios (*Rede Sara Brasil FM*), na música *gospel* (*Sara Music*) e na internet (*SaraOnline TV* e redes sociais). Silva destaca a importância de tais meios para a que CESNT transmita sua mensagem com ênfase no sucesso e na prosperidade; afinal, “as mensagens apresentadas pela denominação através da mídia eletrônica (rádio e TV)

⁴⁴ MARIANO, 2014, p. 46.

⁴⁵ SILVA, André Luiz de Castro. *Sara Nossa Terra e as estratégias argumentativas do discurso religioso midiático*. Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial Centro Universitário Adventista de São Paulo – Engenheiro Coelho, SP, 18 de agosto 2016, p. 7.

também abordam regras para uma vida profissional de êxito com enfoque na carreira e nos negócios”⁴⁶.

A descrição das igrejas relacionadas acima serve apenas para mostrar o início histórico, teológico e eclesiológico do movimento neopentecostal no Brasil. Contudo, é claro que hoje existem muitas outras igrejas neopentecostais espalhadas pelo país. Em maior ou menor medida, essas novas igrejas que vão surgindo seguem os mesmos caminhos. Às vezes, podem até mudar em um aspecto ou outro, mas, na forma de agir e pregar, as igrejas neopentecostais que vão surgindo seguem a cartilha, ainda que, por vezes, bem piorada e pouco estruturada, quando comparadas às primeiras igrejas neopentecostais.

ÊNFASES, ENSINAMENTOS E PRÁTICAS DO NEOPENTECOSTALISMO

O movimento neopentecostal é distinto dos outros movimentos pentecostais de primeira e segunda onda por diversos aspectos. Trata-se de divergências em relação a algumas práticas, mas, igualmente, de algumas questões teológicas que vão contra o que os grupos anteriores ensinavam e praticavam. Em termos teológicos, a primeira distinção dos neopentecostais se dá na ênfase por eles atribuída. Diferentemente da primeira onda, que enfatiza o batismo no Espírito e o dom de línguas, e da segunda onda, que enfatiza a cura, o grupo da terceira onda, mesmo sem desconsiderar esses aspectos, atribui maior ênfase em outros feitos. Em síntese, como se constatará, a ênfase recai sobre o trinômio cura-exorcismo-prosperidade⁴⁷.

A primeira ênfase ocorre com a “Teologia da Prosperidade”, certamente a característica predominante dos neopentecostais, já que “marcante é sua ênfase na prosperidade material, fruto de um pensamento teológico triunfalista e materialista”⁴⁸. Para os defensores dessa tese, o crente não pode ter nenhum tipo de sofrimento físico ou financeiro, nem mesmo ser pobre. A fé pentecostal, antes mais presente entre as classes pobres, passa a buscar o pleno sucesso na terra. Mais do que evitar a pobreza e a doença, o crente, empoderado pelo discurso, deve buscar a riqueza e a saúde plena. Nesse sentido, o crente neopentecostal precisa ser necessariamente próspero, saudável e feliz. Se não for assim, é porque ele está dominado ou enganado pelo diabo. Todavia, as grandes doações financeiras, chamadas muitas vezes de sacrifícios, são o meio para se adquirir todos esses benefícios.

Mais recentemente, uma nova faceta da “Teologia da Prosperidade” tem emergido. Trata-se do que tem sido designado por “Teologia do *Coaching*”. Seguindo os mesmos critérios que a sua influenciadora, os pregadores do *coaching* focam numa mensagem humanista, cujo objetivo principal é o empoderamento do ser humano e a sua plena satisfação hedonista. A “Teologia da prosperidade”, pelo menos, acreditava que a prosperidade poderia advir de uma ação sobrenatural. A substituta atual dela, por sua vez, é ainda mais antropocêntrica, pois tudo o que importa é o próprio homem. O homem se tornou o seu próprio Deus. A dependência

⁴⁶ SILVA, 2016, p. 2.

⁴⁷ MATOS, Alderi. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *In: Fides Reformata*. Vol. XI, Nº 2, p. 23-50, 2006.

⁴⁸ PEIXOTO, Pedro André de Sousa. *Última onda*: identidade neopentecostal e seu caráter histórico. *Revista de Ciências Humanas Caeté* 2021, V. 3, Nº 1, p. 6.

de Deus foi definitivamente banida e cabe ao próprio ser definir seu futuro de sucesso, principalmente profissional, por meio de seus próprios esforços.

É por isso que muitas propostas dos neopentecostais giram em torno de empresários e profissionais liberais. Há dias específicos para que o assunto esteja focado nesse tema. Utilizando conceitos do mundo dos negócios, as reuniões são reconhecidas com o mesmo foco. Não se trata de um culto. É um congresso empresarial, uma reunião com empresários, uma associação de empresários e profissionais, um conselho de empresários etc. Os nomes tão semelhantes atribuídos a esses encontros apenas evidenciam que a estratégia é a mesma nas diferentes igrejas neopentecostais.

A “confissão positiva”, desenvolvida por Essek William Kenyon (considerado o pai do movimento da fé) e levada à frente por Kenneth Hagin, principalmente nas décadas de 1960 e 1970 – com forte expansão posterior –, constitui outra ênfase distintiva. Conforme a própria expressão define, significa que a palavra dita (e afirmada regularmente) pelo crente pode fazer com que coisas aconteçam. É claro que a expressão “confissão positiva” pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo, porém, é que a expressão se refira verdadeiramente a trazer à existência o que se declara com a boca, uma vez que a fé é uma confissão, manifestada por meio de uma fórmula adequada. Desse modo, palavras de ordem são normalmente utilizadas para que, como em um passe de mágica, tudo se transforme. É por isso que as expressões “eu decreto”, “eu profetizo” e “eu determino” passam a ser jargões dos mais corriqueiros. O crente dá a ordem a Deus, que, como um servo subserviente ou um gênio da lâmpada, atende a todos os decretos (e não pedidos).

Outra ênfase ocorre também na famosa “batalha espiritual”, uma espécie de guerra santa que envolve o diabo (com domínios territoriais), o crente e o próprio Deus. No campo da batalha espiritual, o ritual de exorcismo, que já se fazia bem presente na segunda onda, ganha um caráter teatral e propagandista, a fim de mostrar quem tem mais poder. Às vezes, por meio de longas entrevistas, o diabo tem mais espaço no culto (e na mídia) do que o próprio Jesus e a pregação da Palavra. A quebra de “maldições hereditárias” (adquiridas e passadas de pai para filho) também é um dos ensinamentos predominantes nessas igrejas.

De certa forma, por admitirem “excursões extrabíblicas, não apenas o conteúdo doutrinário, mas também o ético, está aberto a mudanças ao sabor de novas revelações”⁴⁹. A leitura e o ensino da Bíblia normalmente estão focados no Antigo Testamento e nas batalhas épicas que ele apresenta. O uso do Novo Testamento é esporádico, já que não há um texto neotestamentário prometendo riqueza nessa vida para os fiéis. Como boa parte do texto veterotestamentário descreve uma situação circunstancial, em que o povo de Israel enfrentou inimigos e conquistou promessas, os mesmos princípios são utilizados nas pregações. Para tanto, a interpretação bíblica é simplista, limitada e equivocada; afinal, uma melhor explicação, considerando o contexto histórico e temporal, acabaria com boa parte dos argumentos. A Bíblia se tornou um pretexto, com leituras voltadas para a descoberta de textos isolados e que, mal interpretados, servem de fundamentação ao falso ensino.

Na prática, tais pressupostos teológicos se configuram uma ação litúrgica e eclesial amplamente sincrética e cheia de misticismos. Os neopentecostais praticam

⁴⁹ ALMEIDA JUNIOR, 2008, p. 153.

algumas ações que estão bem presentes em religiões populares do Brasil (catolicismo popular e religiões afro-brasileiras), e se utilizam de objetos – chamados por eles de “pontos de contato” – como mediação do sagrado, a fim de instigar uma fé débil e nada cristã. Apesar de polemizarem frequentemente com os cultos afro-brasileiros e com a religião católica, ao que parece, tais religiões influenciam significativamente a prática neopentecostal. Os cultos são normalmente tomados de expressões emotivas exacerbadas, alternadas entre o silêncio reflexivo e a catarse coletiva.

É comum constatar vários cultos diários, com temas focados nas necessidades mais urgentes das pessoas. Para prender o fiel e fidelizar o cliente nos cultos, são realizadas campanhas ou correntes, fazendo com que o frequentador esteja sempre amarrado ao próximo culto, cuja ênfase se dá exatamente na necessidade dele. Desse modo, o culto deixa de ser a Deus. Parece mais um supermercado ou um restaurante, em que a pessoa vai para buscar o que precisa. Atrelados a essa transação, é claro que envelopes e carnês também prendem o fiel com o compromisso de ofertar regularmente para que a bênção seja alcançada. Assim, seguindo a lógica de mercado, o ato de testemunhar serve mais para legitimar e diferenciar a instituição do que glorificar a Deus pelo milagre ocorrido.

Um destaque à parte deve ser dado em relação à música. Antes, as igrejas, tanto protestantes históricas quanto pentecostais clássicas, utilizavam-se mormente de hinários, com letras, métrica e ritmo musical bem diferentes dos atuais. Alguns ritmos, antes considerados profanos por alguns, com seus diversos estilos, começaram a ser tocados regularmente nas igrejas neopentecostais. A *Igreja Apostólica Renascer em Cristo* encabeçou tal intento a partir da década de 1980. Contudo, hoje, muito do que se canta em todas as igrejas consideradas protestantes-evangélicas é altamente influenciado pelo estilo *gospel*.

Diferentemente da centralidade doutrinária dos cânticos antigos, o estilo *gospel* traz em seu bojo, na maioria das vezes, músicas que estão centradas no ser humano, não em Deus. Para piorar, apresentam uma poesia pobre. Aliás, atualmente, a poesia inexistente. As músicas são rasas de letra e estilo. É quase uma mera repetição mântica. Portanto, ao que parece, “não se trata de uma simples continuação histórica dos cânticos marginalizados do protestantismo histórico, mas de um produto que foi criado (totalmente adaptado) para o mercado e fez do mercado sua grande diferença”⁵⁰.

No aspecto administrativo, a diferença também se dá no estilo de gestão implementado. As igrejas neopentecostais, para além de uma necessária boa gestão, são administradas como se fossem verdadeiras empresas, inclusive com práticas comuns ao mercado, com interesse lucrativo, visão de negócio e forte publicidade. A responsabilidade por tal condução normalmente está vinculada, de forma centralizada, aos líderes da igreja com forte expressão.

Em termos de relacionamento com a sociedade, a primeira diferença se dá pela ativa participação política. A expressão antiga de que “crente não se mete em política” foi mudada para “irmão vota em irmão”. Eles buscam o poder político em nome da defesa dos interesses cristãos. Mas, como quase tudo o que acontece na política brasileira, na maioria das vezes, cargos em nível legislativo ou executivo apenas servem para ostentar o poder e barganhar benefícios para suas organizações ou seus asseclas. A conhecida bancada evangélica, apesar de, por vezes, defender

⁵⁰ DOLGHIE, 2004, p. 215

pautas importantes no cenário nacional, na maioria das ocasiões, tem membros comprometidos com o poder, com o uso de influências no poder político e, por vezes, com atos de corrupção.

A comunicação também é outro ponto forte dos neopentecostais⁵¹, uma vez que “a entrada da igreja nos meios de comunicação de massa pode passar a percepção que a igreja tem grandes proporções”⁵². Além disso, é o meio pelo qual a igreja alcança grande expansão. Utilizando-se de modernas técnicas de *marketing* e vários recursos tecnológicos, os neopentecostais dominam o espaço religioso nas programações de TV e rádio. Além disso, não ficam atrás no uso dos recursos das novas plataformas de mídia e das redes sociais, já que “o uso das mídias sociais se tornou uma ferramenta de proselitismo barata, rápida e eficaz em determinados contextos sociais”⁵³. Todas essas ações constituem uma estratégia de domínio do mercado religioso e de crescimento denominacional. Como resultado, em muitos casos, boa parte dos crentes vive um trânsito religioso, em busca de um “melhor serviço” na igreja concorrente.

Um destaque comum no meio neopentecostal é o surgimento de líderes carismáticos e messiânicos, conforme comenta Almeida Junior⁵⁴. Pessoa reitera tal fenômeno ao pontuar algumas “práticas de líderes do movimento neopentecostal que podem ser identificadas como populistas e que revelam como o domínio é centrado na pessoa do líder da respectiva denominação evangélica”⁵⁵. O líder é o personagem principal. Seus títulos eclesiásticos evidenciam que, como bispo ou apóstolo, ele está acima dos demais. Sua imagem chega a ser mais forte do que outros aspectos importantes na instituição. A autoridade dele é temida pelos auxiliares. Percebido pelo povo como uma espécie de semideus, ele é o “mediador” (canal da revelação e da manifestação) do divino. Por meio da oração, do toque e da unção dele, a pessoa é curada, e por uma palavra por ele determinada, a pessoa tem a vida transformada. O líder, como ungido (um messias) de Deus, é inquestionável e infalível.

Os neopentecostais também têm um comportamento diferente em relação ao modo de viver na sociedade. Enquanto os pentecostais clássicos (e alguns de segunda onda também) valorizavam uma vida ascética, pautada em usos e costumes mais rígidos, os neopentecostais interagem com a vida social normalmente. Coisas antes proibidas, tais como cinema, futebol, maquiagem, festas etc., passaram a fazer parte do cotidiano dos neopentecostais⁵⁶. Alguns líderes neopentecostais, inclusive,

⁵¹ Como bem lembra Polato (2015), deve-se ressaltar que as primeiras igrejas a utilizarem os recursos radiofônicos foram a Adventista e a Presbiteriana, respectivamente nas décadas de 1940 e 1950. É também neste último período que o programa do Missionário Manoel de Melo alcança grande audiência.

⁵² QUITÉRIO, 2018, p. 32.

⁵³ QUITÉRIO, 2018, p. 121.

⁵⁴ ALMEIDA JUNIOR, 2008, p. 146.

⁵⁵ PESSOA, Jimmy Barbosa. Entre bispos, missionários e apóstolos: as relações de poder em Igrejas Neopentecostais no Brasil. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião - Último Andar*, São Paulo, v. 23, nº 35, jan-jun/2020 p. 40.

⁵⁶ Faz-se necessário ressaltar, entretanto, que tais práticas ascéticas não estão mais tão presentes até mesmo na maioria das igrejas pentecostais de todas as ondas. Essas práticas eram mais comuns no passado. Atualmente, algumas poucas igrejas ainda conseguem mantê-las. Talvez em cidades pequenas do interior seja mais comum constatar tais costumes. É claro, porém, que igrejas como a *Congregação Cristã no Brasil*, a *Deus é Amor*, entre outras vertentes pentecostais, ainda procuram manter tais ensinamentos.

foram além de tais liberações. Entre outros, destaca-se Edir Macedo, líder da IURD, que vem externando publicamente ser favorável ao aborto, um assunto extremamente caro à ortodoxia protestante e pentecostal⁵⁷.

É de bom alvitre lembrar que o neopentecostalismo também forjou o surgimento de organizações paraeclesiais que estão bem presentes na vida da fé evangélica no Brasil. Entre elas, pode-se destacar os *Atletas de Cristo*, grupo fundado em 1981 (antes era uma apenas uma área de ação da *Mocidade para Cristo*) e a *Adhonet* (Associação dos Homens de Negócio do Evangelho Pleno), fundada em 1975 e revitalizada em 1982. Ambas as organizações procuram desenvolver uma ponte entre a igreja e a sociedade. A primeira procura evangelizar e apoiar os atletas e a segunda faz o mesmo com os empresários. Não se quer dizer que ambas são neopentecostais (ainda que a *Adhonet* seja mesmo). No entanto, certamente elas são fruto desse diferente movimento pentecostal.

A INFLUÊNCIA DO NEOPENTECOSTALISMO NA SOCIEDADE E NA IGREJA

[Um] problema diz respeito à crescente influência exercida pelas igrejas neopentecostais (decorrente de seu sucesso, visibilidade e presença na mídia) sobre as demais e a ânsia destas de absorverem e reproduzirem as novas crenças e práticas de sucesso e agrado das massas. A influência das primeiras e a disposição das últimas de incorporar os modismos teológicos e rituais bem-sucedidos deverão, rapidamente, diluir muitas das diferenças agora existentes entre elas. Na realidade, esse processo de “neopentecostalização”, que não é inevitável, já vem ocorrendo em algumas denominações⁵⁸

As palavras acima de Mariano, escritas ainda na década de 1990, constituem uma verdade explícita na análise da história e da prática do neopentecostalismo brasileiro. Basta uma observação um pouco mais cuidadosa das práticas religiosas presentes dentro do protestantismo (igrejas históricas e igrejas pentecostais clássicas) para se constatar que muitas estratégias utilizadas pelo neopentecostalismo já influenciaram o ensino ou a prática das outras igrejas. McAlister Junior reitera tal afirmação quando lembra que “não são poucas as igrejas históricas que acrescentaram um culto no estilo neopentecostal para tentar beber um pouco desse rio de gente que flui pelos corredores dos demagogos”⁵⁹.

Bledsoe segue a mesma linha, ao dizer que “os ensinamentos e as práticas da terceira onda fluíram para igrejas de primeira e segunda ondas, além das históricas”⁶⁰. Como destaque, lembra que a *Primeira Igreja Batista do Brasil*, localizada em Salvador, na Bahia, se neopentecostalizou, e que a *Assembleia de Deus*, uma igreja pentecostal clássica, tem lutado de forma veemente contra essas influências, ora ganhando e ora perdendo em suas inúmeras igrejas espalhadas pelo país.

Aliás, essas influências não se deram apenas no campo da religiosidade. Pelo contrário, mesmo sem perceber, a sociedade brasileira está influenciada por conceitos e termos neopentecostais. Pessoa lembra que “o movimento da Terceira

⁵⁷ GOMES, Edlaine Campos. “Fé racional” e “Abundância”: família e aborto a partir da ótica da Igreja Universal do Reino de Deus. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, [S.l.], n. 2, p. 97-120, ago. 2009.

⁵⁸ MARIANO, 2014, pp. 38-39.

⁵⁹ MCALISTER JUNIOR, 2012, p. 45.

⁶⁰ BLEDSOE, 2012, p. 41.

Onda não apenas traz inovações na liturgia ou na cultura da igreja, mas revela-se como fenômeno religioso que fez a sociedade ter outra percepção sobre as igrejas evangélicas”⁶¹. De forma prática, constata-se o quanto a busca pelo sucesso e pelo empoderamento, principalmente pelo atual conceito de *coaching*, tem influenciado igrejas e pessoas. O uso de termos cristãos pela sociedade em geral também é algo muito comum no cotidiano. Expressões como “tá amarrado”, “queima Jesus”, “o sangue de Jesus tem poder”, “misericórdia” etc. banalizaram-se na boca do povo.

A música *gospel* também contribuiu com isso. Quando as primeiras canções do mundo *gospel* passaram a ser transmitidas pelos principais programas de auditório na TV, houve uma certa alegria entre os evangélicos pelo fato de a música servir para a evangelização e ser tocada em ambientes que antes rejeitavam a fé. Atualmente, porém, se constata que tal estratégia tem apenas caráter mercadológico, já que a música *gospel* caiu de forma corriqueira na boca do povo. Com isso, ouve-se falar de Jesus em uma música que é tocada ao lado de um *funk* carioca, como se ambos fossem a mesma coisa. O sagrado e o profano tornaram-se uma mesma coisa. De outro modo, o próprio conteúdo (letra) de muitas músicas cristãs atuais está baseado na mensagem neopentecostal. O que faz sucesso nas rádios e o que mais se canta nas igrejas são músicas voltadas para o triunfalismo humano baseado numa vitória terrena a qualquer custo.

É fácil notar que a mensagem neopentecostal é mais aceitável no mundo de hoje. Diferentemente dos representantes da primeira e da segunda onda, que negavam o mundo a fim de valorizar o céu, a vida eterna, a santificação etc., os neopentecostais, em contraposição, vivem uma afirmação do mundo. Para eles, apesar de o céu existir e ser o alvo último do cristão, o que importa é ter uma vida sem sofrimento, que se paute em pleno sucesso aqui na terra.

Enquanto a fé pentecostal clássica é marcada por uma vida ascética e cheia de sacrifícios, em que a realidade hodierna constitui uma vida de negação do mundo, no neopentecostalismo, o fiel anda em sentido oposto. O pentecostal ansiava pelo céu; o neopentecostal deseja uma boa vida na terra. Nessa perspectiva, Deus só é um “deus” de verdade se ele, como um servo, intervir e atender todas as petições, principalmente de caráter material, do crente, que exige tudo da divindade.

Para alcançar tal sucesso, na ação neopentecostal, tudo se torna válido, criando-se, assim, “um ninho de cristãos materialistas e mundanos”⁶², que não querem um compromisso verdadeiro com Deus, com a Bíblia e com a igreja. Como bem lembra Alencar, na onda neopentecostal, “a celebração precisa ser *diet*, a doutrina, preferencialmente, *fast food*, e o compromisso o mais *light* possível, pois o que se quer mesmo é o *show*! É a ‘religião espetacularizada’! Intimista, mas consumida como espetáculo”⁶³. Por sua vez, Dolghie acrescenta ao mesmo raciocínio que “o entretenimento *gospel* assume formas semelhantes ao entretenimento secular. Desse modo, não se percebe mais visualmente quem é ou não crente”⁶⁴.

Devido à principal ênfase do neopentecostalismo, isto é, a pregação da prosperidade, o crente neopentecostal busca felicidade, saúde plena, sucesso

⁶¹ PESSOA, 2020, p. 45.

⁶² CÉSAR, 2000, p. 151.

⁶³ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Recriar, 2018, p. 115.

⁶⁴ DOLGHIE, 2004, p. 210.

contínuo e riqueza abundante. Seja determinando tais vontades a Deus ou guerreando contra o diabo, ele está em busca de sua vitória. Assim sendo, é fácil perceber o porquê de a mensagem neopentecostal fazer tanto sucesso e ser cada vez mais aceita pelos demais representantes do protestantismo, e até mesmo entre alguns setores do catolicismo, como afirma Bledsoe⁶⁵. Com efeito, principalmente a *Renovação Carismática Católica*, em discursos e ações midiáticas e litúrgicas, emprega alguns métodos semelhantes aos neopentecostais.

A presença nos meios de comunicação e na mídia constitui um verdadeiro exagero exibicionista, focado no proselitismo e no domínio (e na disputa) de mercado, sob a ideia de que quem não aparece corre o risco de ser esquecido. A questão é que, a cada dia, surge a necessidade de se inventar novos métodos e diferentes discursos, pois a concorrência é forte. Igualmente, a participação política, travestida de uma preocupação com o comunismo ou com leis que sejam contra as igrejas (e não que isso não possa ocorrer) evidenciam a busca pelo poder terreno, gerando, por vezes, mais prejuízos do que benefícios aos evangélicos, visto que tem sido comum a presença de deputados evangélicos envolvidos em esquemas de corrupção, fraudes e desvios. Aqueles que entraram no campo do poder para influenciar foram influenciados.

Aliás, a melhor maneira de se compreender o neopentecostalismo é julgá-lo através da ambição pelo poder, evidenciada até mesmo na escolha dos nomes das igrejas. O uso de termos megalomaniacos, tais como “universal”, “internacional”, “mundial” etc., não é mera coincidência. Seja por meio espiritual ou material, o que está em jogo é a busca pelo poder. Como bem destaca McAlister Junior, acima de qualquer coisa, “o apelo ao poder é possivelmente o elemento mais presente em todas essas ‘igrejas’. O poder do povo, o poder dos números, o poder da palavra de fé, o poder econômico, o poder da corrente de oração, o poder político, o poder da confissão positiva, o poder para ‘tomar posse’”⁶⁶. Enfim, o poder torna-se o alvo principal, torna-se um fascínio que é exibido com toda a pompa pelos neopentecostais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a última seção tenha sido elaborada com propósitos conclusivos a partir da constatação da influência do neopentecostalismo na sociedade e na igreja, importa, neste momento, lembrar que o neopentecostalismo só poderia dar certo, de fato, nos tempos atuais. Os pressupostos pós-modernos estão aí e oferecem todas as bases possíveis para essa mensagem dar certo. O compromisso da mensagem neopentecostal é com o hedonismo (“busque o prazer”), o consumismo (“consuma todo o possível”), o materialismo (“busque a riqueza”), o pragmatismo (“faça o que dá certo, mesmo que não seja o que é o certo”), o relativismo (“tudo é válido, depende de cada um”), o humanismo (“o ser humano no topo da escala de valores”), entre outros, que tiram Deus do centro e colocam o foco no ser humano.

É difícil construir uma conclusão, diante de tantos aspectos que ora convergem, ora divergem. Porém, esta é a infeliz realidade com a qual o protestantismo (e o pentecostalismo) brasileiro tem de lidar. Os aspectos descritos neste texto evidenciam que o neopentecostalismo nada tem a ver com o pentecostalismo clássico, e menos ainda com o protestantismo histórico. O

⁶⁵ BLEDSOE, 2012.

⁶⁶ MCALISTER JUNIOR, 2012, p. 40.

comportamento e a pregação estão distantes entre si. O neopentecostalismo parece ser mais um produto de mercado que, sob o nome de Deus, apresenta um outro evangelho (Gl 1.6-9). Mariano⁶⁷, que é ateu, em seu trabalho escrito em 1995, chega a dizer que as igrejas neopentecostais “encontram-se em franco processo de ‘mundanização’”. O que ele não diria hoje, com a visível secularização atual?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. São Paulo: Recriar, 2018.

ALMEIDA JUNIOR, Jair de. Um panorama do fenômeno religioso brasileiro: neopentecostalismo ou pentecomessianismo. **Ciências da Religião – História e sociedade**, vol. 6, n. 2, 2008, pp. 146-177.

BLEDSOE, Davin Allen. **Movimento neopentecostal brasileiro – IURD: um estudo de caso**. São Paulo: Hagnos, 2012.

BITUN, Ricardo. **Igreja Mundial do Poder de Deus: rupturas e continuidades no campo religioso neopentecostal**. Tese (Doutorado) – PUC-SP, São Paulo, 2007.

CAVALCANTI, R. Pseudo-pentecostais: nem evangélicos, nem protestantes. **Ultimato**, Viçosa, ano XVI, n. 314, set./out. 2008.

CÉSAR, Elben Magalhães Lenz. **História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais**. Viçosa: Ultimato, 2000.

DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. A Igreja Renascer em Cristo e a consolidação do mercado de música gospel no Brasil: uma análise das estratégias de marketing. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 6, n. 6, out. 2004, pp. 201-220.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Unicamp, Campinas, 1993.

GOMES, Edlaine Campos. “Fé racional” e “Abundância”: família e aborto a partir da ótica da Igreja Universal do Reino de Deus. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, [S.l.], n. 2, p. 97-120, ago. 2009. ISSN 1984-6487. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/14/443>.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2014.

MATOS, Alderi. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata** vol. XI, n. 2, 2006, pp. 23-50.

MCALISTER JUNIOR, Walter. **Neopentecostalismo – a história não contada: Quem foi Roberto McAlister, conhecido como o pai desse movimento**. Rio de Janeiro: Anno Domini, 2012.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista USP**, n. 67, set./nov. 2005, pp. 48-67.

⁶⁷ MARIANO, 2014.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo – um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. **Revista de Estudos da Religião**, jun./2010, pp. 1-19.

NUNES, Eber. **Da burocracia para a profecia**: mudanças no neopentecostalismo brasileiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

PEIXOTO, Pedro André de Sousa. Última onda: identidade neopentecostal e seu caráter histórico. **Revista de Ciências Humanas Caeté**, v. 3, n. 1, 2021, pp. 191-206.

PESSOA, Jimmy Barbosa. Entre bispos, missionários e apóstolos: as relações de poder em Igrejas Neopentecostais no Brasil. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – Último Andar**, São Paulo, v. 23, n. 35, jan.-jun. 2020, pp. 39-58.

POLATO, Fábio Sebastião. **O uso do rádio e da TV por instituições religiosas**: um fenômeno

crescente nos mais variados canais de comunicação. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015.

QUITÉRIO, Moyses Naftali Leal. **A hipérbole do neopentecostalismo brasileiro**: estudos a respeito da Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, o líder Apóstolo Agenor Duque e suas inscrições midiáticas no cenário religioso brasileiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça**: esperanças e frustrações no Brasil. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. Fé, marketing e espetáculo: a dimensão organizacional da Igreja Renascer em Cristo. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jun. 2003, pp. 127-146.

SIEPIERSKI, Paulo. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. **Revista Estudos Teológicos**, v. 37 n. 1, 1997.

SILVA, André Luiz de Castro. Sara Nossa Terra e as estratégias argumentativas do discurso religioso midiático. **XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial do Centro Universitário Adventista de São Paulo**, Engenheiro Coelho, São Paulo, 18 ago. 2016.

SILVA, Fernando Pereira; QUITÉRIO, Moyses Naftali Leal. Neopentecostalismo, mídia e a Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus. **Âncora – Revista Digital de Estudos em Religião**, vol. XI, ano 12, ago. 2017.

SILVA, João Enicelio. **O corredor da fé**: expansão e concentração religiosa no bairro do Brás, em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.